

# RETROSPECTIVA DO LEITE EM 1991

*Sebastião Teixeira Gomes<sup>1</sup>*

O balanço de 91 mostra que foi um bom ano para o produtor de leite, apesar de toda crise econômica por que passa o País. Neste ano enquanto o preço recebido pelo produtor de leite C aumentou 555%, seu custo de produção aumentou 468%, e a inflação estimada para este ano é de 450%.

Outro indicador favorável ao produtor diz respeito ao comportamento dos preços do leite e da ração concentrada no período da seca. De maio a outubro deste ano, o preço do leite aumentou 133% e o de concentrados para vaca leiteira aumentou 103%.

O preço real, ou preço corrigido, recebido pelo produtor no período da seca de 91 foi, em média, 10% maior que o recebido, no mesmo período, no ano passado. Cooperativas e laticínios voltaram a pagar quinzenalmente e, em diversos meses, o preço pago foi superior ao custo de produção calculado pela EMBRAPA.

Apesar de todos os estímulos de preços, descritos anteriormente, a produção de leite não reagiu, até outubro deste ano. Aliás, o próprio comportamento dos preços do leite confirma tal tendência, visto que, neste ano, o Governo pouco interveio na sua fixação, deixando para as forças de oferta e demanda buscarem o preço de equilíbrio. De acordo com as forças de mercado, mais leite menor preço e menos leite maior preço.

O próprio desempenho das importações de leite em pó reforça a argumentação desenvolvida até então. Em 1990, o Brasil importou 47 mil toneladas de leite em pó e, em 1991, importou de 62 a 100 mil toneladas, dependendo da fonte de informação. Mesmo com preços internacionais favoráveis, neste ano, a elevada taxa de juros pressiona no sentido de ter pouco estoque. Isto significa que boa parte do leite importado já deve ter sido consumido.

---

<sup>1</sup> Professor da UFV e consultor da EMBRAPA. Escrito em 27-12-91.

Constatado o comportamento de pouca reação da produção de leite aos estímulos de preço, resta examinar as causas deste comportamento. Há indicações que as razões situam-se nos dois mundos do produtor: o mundo econômico e o mundo psicológico.

No mundo econômico, em decorrência de políticas governamentais vacilantes, o produtor preferiu garantir sua sobrevivência partindo para um rebanho de dupla finalidade, carne e leite, ao invés de ter animais especializados para a produção de leite. Com tal procedimento a pecuária leiteira nacional ficou com baixa capacidade de resposta, especialmente no período da seca. A contínua descapitalização do produtor, materializada na perda de fertilidade do solo, magnifica a incapacidade de reação aos estímulos de mercado. O produtor fica numa situação de que quer mas não pode.

No mundo psicológico as experiências do produtor em relação as desastrosas intervenções do Governo no setor leiteiro, deixaram-no cauteloso quanto ao futuro. A desestabilidade da economia contribui para que as expectativas do produtor sejam pessimista. Há um descrédito generalizado na agricultura em relação as políticas governamentais e este clima enfraquece a capacidade de reação do produtor.

Com a chegada das chuvas, em novembro, quando São Pedro substitui a tecnologia, a produção de leite aumenta significativamente. Em algumas cooperativas e/ou laticínios a recepção de dezembro foi o dobro do que receberam de leite em setembro. Esta situação, aprofundada pela fortíssima recessão econômica, traz de volta as expressões: leite consumo, leite indústria, leite cota e leite excesso.

A história recente da produção de leite no Brasil mostra que além dos graves problemas de qualidade, a quantidade é insuficiente para atender a demanda, ainda que reprimida. Por esta razão, não é todo o ano que se pratica o sistema de preço-cota e preço-excesso. Isto é um desastre para a pecuária leiteira brasileira porque, quando não se paga menor preço pelo leite-excesso, leva vantagem o produtor safrista e desestimula o autêntico produtor de leite. A falta de continuidade de pagamento do leite-excesso quebra o hábito desta prática e, quando ela retorna há grande reclamação do produtor, como se verifica agora.

O que aconteceu com a pecuária leiteira em 91 penaliza tanto o produtor quanto o consumidor. A história se repete e irá se repetir sempre até que sejam criadas condições de modificar o perfil tecnológico da pecuária leiteira nacional.

A onda de liberalização da economia brasileira também deverá chegar ao setor leiteiro e aí, as reações aos estímulos de mercado devem ser imediatas, e não esperando seis a oito meses para quando chegarem as chuvas. Esta demora é incompatível com o mundo de hoje e quase sempre quando chegam já estão atrasadas.